

Concepções de professor e de professora no jornal “Deutsche Post” - RS (1906-1915)¹

Rita Dolores Wolf*
Dagmar E. E. Meyer**

Resumo:

O trabalho inscreve-se no campo da História da Educação no Rio Grande do Sul e analisa uma dimensão da imigração alemã para este Estado no início do século XX. Trata-se de mapear concepções de professor e de professora produzidas/reproduzidas pelo Jornal “Deutsche Post”, no período de 1906 a 1915, buscando apreender com isso, de forma mais ampla, os sentidos atribuídos à escola elementar teuto-brasileira, enquanto instância de produção e de preservação do germanismo e do luteranismo nas regiões de colonização. Fundamenta-se no pressuposto de que os jornais e almanaques teuto-brasileiros constituem importantes recursos de conservação da língua alemã nas comunidades e, mais do que isso, são importantes elementos de fortalecimento da Igreja e da escola, apresentadas neles como os pilares da preservação cultural.

Palavras chave: produção cultural, concepções de professor, escola elementar teuto-brasileira

Abstract:

This work is inserted in the field of the History of the Education in Rio Grande do Sul and analyses a dimension of the germany imigration to the state in the 20th century. It is about building concepts of male and female teachers produced and reproduced by the “Deutsche Post” Journal, from 1906 to 1915, aiming to learn with this, in a more large aspect, the concepts conferred to the german-brasilian elementary school as a place to produce and preserve the german culture and the Protestantism in colonization areas. It is based on the principle that german-brasilian newspapers and almanacs are important means of preserving the german language among communities. More than this, german-brasilian almanacs and newspapers are fundamental elements to strenghten the church and the school, which are considered pillars in the preservation of culture.

Keywords: production of culture, concepts of teacher, german-brasilian elementary school

¹ Trabalho apresentado no IX Salão de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

* Aluna do curso de graduação em Letras (Bacharelado) na UFRGS, bolsista de Iniciação Científica pelo programa Pibic/CNPq/UFRGS. Rua Avaf, 15/602 90050-200 Porto Alegre E-Mail: wolf@vortex.ufrgs.br

** Professor Adjunto na Faculdade de Educação da UFRGS, orientadora da bolsista no programa Pibic/CNPq/UFRGS. Rua Lucas de Oliveira, 1350/401 90440-010 Porto Alegre E-Mail: dagmar@edu.ufrgs.br

I. Considerações iniciais

O nosso trabalho de investigação vincula-se a um tema mais amplo em que se inscreve a imigração de alemães para o Rio Grande do Sul, nos séculos XIX e XX. Vários estudos (Hoppen, s/d; Magalhães, 1993; Roche, 1969; Sarlet, 1993, Seyferth, 1988) apontam este movimento imigratório como um importante elemento na formação populacional e cultural riograndense, sobretudo no que se refere ao aspecto da implementação da educação escolarizada no Estado. Isso é também enfatizado no projeto de pesquisa de Dagmar Meyer (1997: 4), onde a autora refere que “os elementos apresentados como fundamentais para a constituição do sujeito teuto-brasileiro são a língua materna (alemã), a fé luterana, a nacionalidade e a “capacidade de trabalho” alemã; família, escola e igreja - e a importante imprensa que esta instituição sustentou - constituem as instituições sociais implicadas na perpetuação, reformulação e atualização dessa cultura.”. (*grifo meu*). Das instituições sociais aqui elencadas, escolhemos a imprensa como locus para esta pesquisa, uma vez que estudos como o de Giralda Seyferth (1976), por exemplo, permitem entender justamente que os jornais teuto-brasileiros se posicionavam como defensores do germanismo, mantendo o sentimento de filiação dos imigrantes à nacionalidade alemã mesmo enquanto cidadãos brasileiros e que, de certa forma, os jornais “refletem” posições assumidas pelos seus fundadores (indivíduos e grupos sociais) as quais só podem ser entendidas no (e a partir do) contexto sócio-histórico em que foram produzidas.

No caso específico da nossa pesquisa, é preciso que nós refiramos ao Pastor Dr. Wilhelm Rotermund, que foi enviado para o Brasil em novembro de 1874 a fim de aqui lutar pela causa da Igreja Evangélica. Em 1877, Rotermund funda em São Leopoldo uma “livraria evangélica”, produzindo obras religiosas, destinadas a alimentar a doutrina cristã entre a população de língua alemã. Em 1880, essa livraria seria ampliada para uma editora e uma tipografia, onde foram publicadas as primeiras gramáticas da língua portuguesa e livros didáticos destinados às escolas teuto-brasileiras baseados na realidade dos imigrantes. Em 1880 surge também o jornal “Deutsche Post”, inicialmente bi-semanário, que, segundo o Dr. Leandro Telles (1974), se propunha a proporcionar aos protestantes luteranos uma leitura orientada e catequética. A primeira tiragem foi de 300 exemplares. Entretanto, até o fim do século XIX aumentou para mil exemplares editados três vezes por semana. A partir de 12 de agosto de 1914 tornou-se jornal diário, até ter interrompida sua edição em função da Primeira Guerra. O “Deutsche Post” circulou até o dia 13 de outubro de 1928 e a última tiragem foi de 7632 exemplares.

O jornal “Deutsche Post” não era apenas um jornal confessional em sentido estrito, pois apresentava matérias de cunho político e notícias de caráter econômico fortemente vinculadas aos interesses dos colonos teuto-brasileiros e em defesa da cultura alemã. Apesar de modificar várias vezes sua organização interna, o jornal sempre apresentou, em todas as edições lidas e avaliadas, uma seção dando conta de notícias sobre os acontecimentos em nível mundial, nos Estados brasileiros e em cidades de colonização no Rio Grande do Sul, além de apresentar uma coluna policial. Normalmente o jornal iniciava com um editorial ou similar, defendendo e algumas vezes também criticando a escola e a igreja teuto-brasileira - evangélica. O jornal mantinha também um suplemento literário e/ou com informações sobre agricultura e medicina alternativa, o que, de acordo com Seyferth (1976: 71), reforçava a popularidade desses jornais. “A proibição deles, assim, foi sentida com mais força nas zonas rurais, onde eram a única fonte de informação dos colonos, até mesmo porque, ao contrário do que ocorria nas cidades, na zona rural a única língua conhecida era o alemão.” Mesmo assim, as notícias de caráter geral eram focalizadas no jornal sob um prisma evangélico, uma vez que, de acordo com Guilherme Rotermund (1986), o jornal surgiu para difundir e defender os interesses da minoria dos protestantes no Brasil. Esse grupo se orientava a partir de elementos de uma “doutrina” específica, introduzida e fortalecida nas comunidades através de determinadas instituições consideradas alemãs pela população: a imprensa, a escola alemã e a Igreja luterana.

“A imprensa alemã, especialmente a local, tem grande interesse no fortalecimento e no desenvolvimento das associações alemãs, pois ambas estão sobre o mesmo chão da germanidade, do qual elas tiram sua existência, seu desenvolvimento, seu êxito. Elas também estão constantemente abastecendo-a com novo alimento, como bons agricultores, na medida em que ambas cultivam a língua, os costumes, a mentalidade e a eficiência alemã.(...)” (Jornal Deutsche Post, 17/01/1908: 1)¹

Dessa forma, os jornais, postos a serviço do empreendimento colonizador, constituíram importantes recursos de conservação da língua alemã em todas as comunidades e, mais do que isso, foram importantes

¹ Todas as citações do Jornal “Deutsche Post” foram traduzidas por Rita Dolores Wolf.

instâncias de fortalecimento da Igreja² e da escola, apresentadas neles como os pilares da preservação cultural.

“Através de gerações eles (os teuto-brasileiros - grifo meu) conservam a língua, o caráter e a crença da velha pátria com fidelidade alemã. (...) Eles próprios contribuíram para sua Igreja e as escolas, quanto mais eles se conscientizavam de que a Igreja e a escola são os pilares sólidos do povo alemão.” (Jornal Deutsche Post, 12/7/1912: 1).

No contexto do referencial teórico do projeto ao qual nosso trabalho se vincula eles são considerados muito mais do que “veículos de conservação”, uma vez que cultura não é entendida apenas como o conjunto de valores, tradições, crenças e comportamentos de determinados grupos, os quais devem ser preservados e transmitidos para as gerações mais jovens, mas engloba, de forma ampla, o conjunto de processos, conhecimentos, estruturas de poder e instituições que estão implicadas na produção destes elementos que passam a ser apresentados como sendo a cultura do grupo (Meyer, 1997). A imprensa será, então, tratada por nós como uma das principais instâncias de produção, divulgação e preservação tanto das concepções de germanidade e luteranismo, quanto da noção da importância da escola para o fortalecimento da cultura teuto-brasileira.

Entendendo, pois, a imprensa como mecanismo de *produção* e de *manutenção* da cultura, propusemo-nos a examinar o jornal “Deutsche Post” buscando entender os sentidos aí atribuídos à escola elementar teuto-brasileira e, dentro dela, ao/à professor/a, enquanto elementos de preservação da germanidade e do luteranismo nas regiões de colonização.

As concepções de professor e professora que são produzidas/reproduzidas pelo jornal foram mapeadas tomando como referência as seguintes questões norteadoras:

- O que é germanidade? O que é “ser teuto-brasileiro”?
- O que é luteranismo? O que é “ser evangélico”?
- Qual o papel da escola elementar e, dentro dela, do professor, para a manutenção da germanidade e do luteranismo?
- Quem e/ou como é este professor e que formação ele deve receber para que desempenhe o papel a ele confiado?

² A língua é considerada vital para a sobrevivência da Igreja, considerando a concepção de que o luteranismo é indissociável da cultura e etnia alemã. (SEYFERTH, 1976)

O estudo compreende a análise das publicações feitas no período de 1906 a 1915, porque neste período se pode acompanhar aí tanto o debate que antecede, quanto a própria instalação do “Seminário Evangélico de Formação de Professores”, primeiro a formar professores específicos para desempenhar a função de propagadores culturais nas comunidades teuto-brasileiro-evangélicas, o que, segundo Hoppen (s/d: 37), foi concebida como uma escola de homens até 1926, porque “apenas um homem poderia dirigir uma escola com a eficiência exigida e ser líder espiritual e cultural na comunidade”.

II. Aportes teórico-metodológicos

O trabalho de pesquisa acima apresentado está vinculado a um projeto de pesquisa maior, intitulado “Formando professores e professoras teuto-brasileiro - evangélicos/as no Rio Grande do Sul (1909 - 1939)”, que propõe a discussão do processo de formação de professores/as que teve lugar no “Seminário Evangélico de Formação de Professores”, em São Leopoldo-RS, no período de 1909-1939. Este projeto situa-se no campo dos estudos que privilegiam as relações entre Educação e Gênero e está vinculado ao GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) institucionalizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, sendo um desdobramento específico do projeto intitulado “Histórias da Educação no Rio Grande do Sul na perspectiva do Gênero” que tem como objetivo geral “examinar diferentes práticas sociais que educavam (e educam) sujeitos masculinos e femininos no Rio Grande do Sul ...” (Meyer, 1997: 5).

A questão escolar entre os teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul é um tema que desperta interesse pelo fato de apresentar algumas características peculiares. De acordo com Lúcio Kreutz, (1994: 160), “os imigrantes alemães (...) criaram toda uma estrutura de apoio à escola, que estava vinculada a um projeto mais amplo das comunidades sob a liderança das Igrejas. No entanto, toda esta iniciativa é pouco conhecida em nossa história da educação”. Com isso queremos justificar a importância da realização desse trabalho de pesquisa, em que procuramos entender, a partir do Jornal “Deutsche Post”, as concepções de professor/a e o seu papel dentro de um grupo étnico específico, em que a Igreja tem força de poder sobre as outras instâncias de produção cultural, no que concerne à constituição de uma cultura singular: a teuto-brasileira-evangélica.

Loiva Félix (1994: 83) compartilha dessa opinião, quando afirma que “sobretudo a partir da década de 1880/90, a Igreja apresentava-se com controle doutrinário sobre as agências fundamentais da sociedade: família,

escola e imprensa.” No caso desse trabalho, queremos prestar atenção nas formas pelas quais os discursos produzidos e veiculados no jornal articulam concepções de gênero com concepções de professor e de professora.

O conceito de gênero vem sendo utilizado no campo dos estudos feministas desde a década de 70, dando conta da constrição social do masculino e do feminino, na medida em que sujeitos generificados são constituídos a partir de sua relação com a cultura e com os discursos que aí circulam. De acordo com Louro (1995), a escola é uma instituição que, de muitos modos, constrói o gênero, na medida em que espera desempenhos diferentes de meninos e meninas. É no dia-a-dia comum que a escola “fabrica” homens/mulheres, porém articulada às outras instâncias sociais, recriando as doutrinas pedagógicas, religiosas, jurídicas e culturais de uma sociedade.

Sendo a construção dos gêneros um processo social, e então também institucional, ela também está atravessada por categorias como etnia e religião. No estudo em questão, é a Igreja luterana que produz o discurso dominante, em que gênero parece estar ligado a questões de defesa e conservação de elementos étnicos e/ou raciais.

No caso específico da cultura teuto-brasileira, a família, reduto de atuação da mulher e moldada de acordo com certos preceitos religiosos, representa o lugar em que devem ser transmitidos os valores culturais. De acordo com Sarlet (1993: 60), “o papel do homem e pai era patriarcal-autoritário; o da mãe adaptado à realidade masculina. Mesmo assim, o centro da família era a mãe que, além de cuidar da educação em geral dos filhos, iniciava a catequese deles. (grifo meu). Quanto às filhas, eram educadas para o seu papel de mães e donas de casa. O pai tinha força de mando e decisão. A falta de igualdade de direitos exigia da mulher alto espírito de sacrifício. O lazer das mulheres eram os trabalhos manuais, sendo auxiliadas pelas filhas.” Stolcke (1991: 115) nos dá uma grande colaboração, no artigo em que questiona se “sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?”, ao se posicionar em relação à construção de gênero em articulação com a raça. “Quando quer que a condição social seja atribuída a deficiências naturais, as mulheres caminham para o palco central como mães, como responsáveis por dar a luz e reproduzir, seja uma classe ou uma “nação”. Se a classe ou a nação é conceptualizada em termos essenciais, a capacidade procriativa das mulheres precisa ser controlada para perpetuar os privilégios de classes e nacionais com os raciais. E o controle implica a dominação pelos homens”.

Tendo em vista esses fatores apresentados, categorias como etnia, nação, religião e gênero devem ser tomadas como elementos que atravessam e constituem também as concepções de professor e de professora, em função da

relação que se constrói entre germanidade, luteranismo e o processo de educar professores/as no contexto cultural teuto-brasileiro-evangélico. É a escola, e nela o professor, que dá a continuidade à educação étnico-religiosa iniciada no lar pela mãe.

As perguntas norteadoras do trabalho são trabalhadas, portanto, a partir das abordagens dos estudos de gênero e dos estudos culturais que se aproximam do pós-estruturalismo. Consideramos que o jornal “Deutsche Post”, neste sentido, está organizado em torno de projetos étnico-religiosos, na medida em que não apenas veicula e reproduz fatos, crenças e valores, mas sobretudo os produz e modifica. Isso é reforçado por Seyferth (1976: 16), quando diz que “essa persistência do grupo étnico só pode ser explicada como causa das idéias de cunho germanista divulgadas através da imprensa teuto-brasileira desde 1852 até o início da década de 1940, quando foi proibida pela campanha de nacionalização.”

Essa perspectiva teórica direcionou nossa análise para compreender como, no âmbito desse jornal, se concebia a formação e a prática docente de professores teuto-brasileiro-evangélicos no Rio Grande do Sul. Sendo assim, o trabalho de leitura e de seleção dos sentidos atribuídos no Jornal “Deutsche Post” a professor e professora se delineou a partir do mapeamento de quatro eixos temáticos básicos: luteranismo, germanidade, ser teuto-brasileiro e não apenas alemão ou brasileiro e concepções de gênero, para conseguir responder o problema de pesquisa que girava em torno da questão: Quem é o professor teuto-brasileiro-evangélico e que formação ele deve receber para desempenhar bem o seu papel? Procuramos direcionar nossa atenção a idéias que freqüentemente são retomadas e repetidas no jornal, procurando atentar para o que se mantém e o que se modifica ao longo do tempo, bem como aquilo que passa a ser, de repente, mencionado ou silenciado, por acreditar que esses são os pontos em torno dos quais se produz uma idéia específica de professor, no âmbito da cultura teuto-brasileira-evangélica.

III. Concepções de professor e de professora no Jornal “Deutsche Post”

“Os alemães também têm agora uma língua nacional, o teuto-brasileiro, um dialeto próprio misturado com palavras do português e da língua dos índios, do mesmo modo que o “brasileiro” também é um dialeto do português.(...) Os teuto-brasileiros, dos quais muitos já moram há quatro gerações no país, são tão bons brasileiros como os outros também.(...)”(Jornal Deutsche Post, 07/06/1909: 1)

Para discutir a questão que propusemos, nada melhor do que começar definindo quem é, no contexto do jornal, o sujeito teuto-brasileiro do qual estamos tratando e quais as especificidades contidas na construção de sua identidade. De acordo com o discurso do jornal, exemplificado pela citação acima, percebemos uma ambiguidade quanto à definição desse sujeito, na medida em que o discurso opera em torno de uma dicotomia: o ser alemão e o ser brasileiro. Esses dois pólos se fundem quando se produz a identidade *teuto-brasileira*, que engloba tanto a cidadania brasileira quanto a nacionalidade alemã. Nesse sentido, a cidadania conferiria uma identidade política ao sujeito e a identidade nacional englobaria a origem étnica, a língua, a cultura e a fé. De acordo com Seyferth (1988: 32), “a ideologia étnica teuto-brasileira foi constituída não nas colônias isoladas, mas no decorrer do contato com outros imigrantes e com a sociedade brasileira - uma identidade étnica positivamente definida a partir de uma origem e cultura comuns, e de uma experiência de vida compartilhada, pontuada por crises, que é a história da colonização alemã no Brasil.” As diferenças entre o ser alemão e o ser brasileiro foram sendo produzidas como se fossem decorrentes de valores culturais, religiosos, familiares, educacionais e étnicos considerados naturais e hereditários e que iam sendo ressaltados na medida em que os imigrantes foram se incorporando ao estado brasileiro. Essa identidade, que na verdade comporta diferentes posições do mesmo sujeito, foi construída e divulgada pela imprensa, pela escola e pela Igreja, que atuaram como produtores, divulgadores e modificadores da identidade teuto-brasileira.

O fato de pertencer à Igreja protestante é, talvez, um dos fatores de diferenciação mais explorado no que diz respeito à nacionalidade, pois é a Igreja evangélica que, no Brasil, investe de maneira mais ostensiva na “preservação da *germanidade*”. Estamos tratando, pois, de um grupo específico dentre a massa de imigrantes e descendentes de alemães: o *teuto-brasileiro-evangélico*. A partir da Reforma de Lutero, os habitantes das nações alemãs na Europa haviam se habituado a sentir cada vez mais a

importância da escola para seus filhos, uma vez que o reformador traduziu a Bíblia e pregou a necessidade do contato direto dos fiéis com a palavra de Deus através da leitura. Por isso, uma das primeiras preocupações dos imigrantes foi a questão da alfabetização dos seus filhos. A língua é considerada vital para a sobrevivência da Igreja, considerando-se que o luteranismo era entendido e apresentado como sendo indissociável da cultura e etnia alemã. (cf. Seyferth, 1976).

A religião dos imigrantes é, portanto, uma categoria agrupatória quase que exclusivamente utilizada para os luteranos teuto-brasileiros, donde sobressai obviamente o caráter étnico que a caracteriza. Segundo Jungblut (1994: 142), “do lado dos luteranos agrupados nos sínodos que se submetiam ao luteranismo alemão, defendia-se uma igreja que, além de suas normais atribuições eclesiásticas, fosse também um locus de defesa e culto da germanidade entre os teuto-brasileiros”. A partir dessas considerações, efetiva-se o fato de que a Igreja era uma instituição muito importante dentro da formação cultural teuto-brasileira, e é de acordo com o seu discurso e para a sua própria sustentação que devem ser mantidas escolas e formados professores específicos. Esses professores carregam a incumbência de promover a sobrevivência e o fortalecimento da Igreja e, com isso, de toda a germanidade.

“Se nós professores evangélicos realmente somos o que o nome diz, nosso interesse maior não deve ser outro que não o de que os alunos a nós confiados se tornem bons cristãos.” (Jornal Deutsche Post, 14/05/1913: 1)

“A escola é o único meio de se aproximar da nova geração para lhe transmitir o valor religioso da Igreja.” (Jornal Deutsche Post, 26/02/1913: 1)

“Eu creio na santa língua alemã, assim como em Deus!” (Jornal Deutsche Post, 07/07/1915: 1)

Uma das principais produtoras e mantenedoras da cultura teuto-brasileira-evangélica, assim, é a escola elementar, que aparece no jornal como um elo de ligação entre a família, o conjunto da comunidade e o mundo exterior a ela, porque prepara os filhos dos teuto-brasileiros para serem membros do seu grupo étnico e, ao mesmo tempo, cidadãos brasileiros, tanto que uma das principais atribuições da escola é levar o aluno a ser capaz de agir de acordo com o modo de pensar de dois povos e assimilar a sua lógica. Da existência dessas escolas evangélicas não dependia apenas a cultura, mas a Igreja, na medida em que elas são entendidas principalmente como locus de transmissão dos preceitos religiosos do luteranismo. A não existência ou a não manutenção dessas escolas seria responsável pela extinção da língua

alemã e isso prejudicaria a Igreja, na medida em que é construída, no jornal (mas não só nele) uma intrincada relação entre Igreja, língua alemã e germanidade. Durante muito tempo o alemão foi a língua corrente entre os imigrantes e, nada mais legítimo, defendia-se, do que os cultos serem proferidos nessa língua. A Bíblia dos luteranos era em alemão. Portanto, reza o jornal, na medida em que não se conhecesse a língua, os ensinamentos cristãos contidos nela não seria aprendidos e o caráter da família alemã, fundamentado nesses preceitos, se perderia. Com isso desapareceriam também a fidelidade, o espírito forte, a “capacidade de trabalho”, a lealdade e o senso de justiça dessa raça.

“Segundo a Bíblia, quem gosta de seus filhos, os cria bem. (...) Por isso, a primeira condição é que todos os pais mandem seus filhos a tempo, regularmente e pelo menos durante 4 a 5 anos para uma boa escola. A escola sozinha não pode fazer nada se os pais não colaborarem. A escola e o lar devem trabalhar em harmonia para que a educação seja boa.(...) Primeiramente nós devemos seguir os deveres relacionados à escola e Igreja e assim poderemos viver felizes. Quem valoriza a Igreja e a escola desfrutará da bênção de Deus em sua família.” (Jornal Deutsche Post, 24/11/1911: 1)

Dessa forma, firma-se o “caráter alemão” nas crianças, estreitamente relacionado com a fé luterana, as quais deveriam ser educadas também para serem cidadãs brasileiras. O “caráter alemão”, nesse discurso, está estreitamente ligado com os ideais de germanidade defendidos pelo jornal, os quais incluem, de forma ambígua, também o ser cidadão brasileiro e, para isso, a aprendizagem da língua nacional (português).

“Nós queremos que todos os leitores de todas as localidades reflitam sobre o que eles terão da escola elementar para a qual mandarão os seus filhos, na condição de cidadãos brasileiros teuto-evangélicos. (...) Nós logicamente devemos concordar que o aprendizado da língua portuguesa na escola é uma necessidade. (...) Porém esta aula não deve se estender para todo o sistema escolar, de modo que a língua alemã seja diminuída ou totalmente excluída. (...) A consequência é que os filhos de alemães em breve se acostumam a fazer uso da língua portuguesa também em suas relações familiares. E assim que a língua familiar passa a ser o Português, o caráter da família alemã se perderá. (...) É aí que estão os aniquiladores da germanidade. (...) As crianças devem ser ensinadas a conhecer e amar a sua pátria. (...) Aqui está o nosso futuro e o nosso trabalho. Mas nós só poderemos cumprir com nossa grande tarefa se permanecermos alemães. Como tais, nós também queremos aprender a língua portuguesa, e isso nós só

poderemos, se primeiro dominarmos a nossa língua materna.” (Jornal Deutsche Post, 14/01/1914: 1)

Deve-se também ter consciência étnica para ser diferente do “caboclo”, ou seja, de todo aquele que não cultiva os preceitos da germanidade e a fé luterana:

“Quem é alemão não deve demonstrar isso apenas através da língua, mas também que tem caráter e uma conduta que o diferencia do caboclo.” (Jornal Deutsche Post, 15/05/1914: 2 2)

Essa diferenciação é apresentada, nos textos veiculados pelo jornal, tomando como base a premissa de pertencer a uma raça supostamente aprimorada espiritual, moral e fisicamente. O jornal enfatiza que, para manter essas características, é imprescindível a “manutenção” e “conservação” de usos e costumes alemães, da língua, o cultivo da mentalidade e eficiência alemã, somados à laboriosidade e persistência. Ultrapassando esses elementos morais, aparece ainda a preservação biológica da raça, na medida em que a miscigenação, principalmente aquela em que homens “alemães” casam com mulheres vinculadas a outros grupos étnicos, é apresentada como perigosa para a educação dos filhos, uma vez que a grande detentora da atribuição de inserir os filhos na consciência étnico-religiosa do grupo teuto-brasileiro é a mãe. Uma mãe que não fosse teuto-brasileira protestante levaria a um outro modo de estruturação familiar, o que não era desejado:

“O bom leitor queira refletir comigo em que de fato se encontra o nosso sentimento étnico e também como pode ser conservado e eliminado. Uma parte está no sangue. Portanto, tudo depende do fato de manter o sangue alemão puro. Todos aqueles que se casam com integrantes de outra raça estão abandonando a germanidade. Sua família e seus descendentes são eliminados da genealogia da germanidade.(...) Mas a principal base do nosso povo está na alma, que por sua vez encontra sua principal força na religião cristã e sua ferramenta na língua alemã.” (Jornal Deutsche Post, 20/03/1907: 1)

O fato de ser a mãe a responsável pela transmissão da cultura nos primeiros anos de vida da criança talvez seja uma das possíveis explicações para o fato de que é somente em 1912 que aparece no jornal notícia de mulheres atuando como professoras nas escolas evangélicas e em áreas bem específicas.

“A comunidade teuto-evangélica de São João do Montenegro procura um professor e uma professora. Esta deverá assumir os trabalhos manuais.” (Jornal Deutsche Post, 3/01/1912: 5)

De acordo com o jornal, se a mulher tivesse um emprego, não teria ânimo para se dedicar aos filhos e levar uma vida familiar bem organizada e religiosa. Nesse período então, possivelmente devido a fatores econômicos e/ou falta de professores formados especialmente para as escolas alemãs (o jornal também reitera que o interesse pela profissão era baixo, devido aos baixos salários e à carência de status), passou-se a aceitar mulheres para alguns cargos, embora inicialmente com timidez. Elas normalmente ensinavam trabalhos manuais e eram diretoras de internatos femininos. Reproduz-se, aqui, uma estrutura social organizada de acordo com parâmetros masculinos específicos no âmbito da colonização teuto-brasileira-evangélica. Nos demais grupos, o trabalho feminino parece ter sido aceito muito antes, embora as profissões fossem ligadas a uma suposta essência “feminina”: cozinheira, costureira, empregada, preparando a moça para um futuro casamento. Ao abraçar uma profissão, a mãe teuto-brasileira se veria obrigada a “abandonar” ou pelo menos “negligenciar” sua função de mantenedora cultural na família. A consciência étnica é constituída, portanto, a partir de uma verdadeira “legislação sexual”, indicando as condutas aceitas para homens e os comportamentos admitidos para mulheres, e isso está vinculado com a possibilidade de vir a tornar-se professor e professora. O gênero é, pois, um elemento inerente ao processo de construção do sujeito teuto-brasileiro, da mesma forma que a raça/etnia.

“Se uma moça entrar num casamento, ela deve ter um corpo forte, uma alma pura e nervos saudáveis. Tudo isso uma moça que tem uma profissão não terá mais, em muitos casos, pois o trabalho desgasta as forças e os nervos, mais ainda em um frágil organismo feminino do que em um masculino. (...) Não, deixe-nos cuidar para que nossas filhas sejam educadas para serem mães e donas de casa saudáveis e capacitadas.”(Jornal Deutsche Post, 22/10/1909: 1)

Julga-se que um “bom pai”(grifo meu) saiba como “fabricar” um homem/mulher “de acordo com o que aquela sociedade admite, aceita, valoriza.”(Louro, 1995: 173) No jornal “Deutsche Post” essa construção de gênero é mostrada explicitamente, na medida em que freqüentemente aparecem reportagens dando conta de condutas aceitas para homens e mulheres e da profissão mais indicada para cada um, considerando-se inviável a profissão de professora para as mulheres devido a fatores condicionados à função da mãe como a primeira professora do lar. A própria escola teuto-brasileira-evangélica é uma instituição responsável por uma construção específica de gênero, tendo em vista o tratamento diferenciado dado a meninos e meninas, estas recebendo uma educação direcionada ao seu

trabalho no lar, na horta, no jardim, com os animais domésticos, através do aprendizado de trabalhos manuais e de técnicas domésticas, sendo educadas para a sua mais provável profissão e que, nesse contexto cultural, parece ser a única possível: a de esposa de colono, dona-de-casa e de seus arredores e mãe. A mulher da “colônia alemã” possui, então, algumas especificidades que a diferenciam da mulher urbana e, sobretudo, da mulher “cabocla”. É possível imaginar, portanto, que as primeiras professoras, na medida em que assumiam os internatos femininos e coordenavam as aulas de trabalhos manuais, rompiam e ao mesmo tempo reforçavam os critérios de diferenciação na construção dos gêneros.

A escola é concebida, no jornal, como uma instância de apoio à formação cristã e de conservação e transmissão de todos os elementos implicados na concepção de germanidade apresentados. A função da escola é justamente a de sustentar uma educação que garanta a sobrevivência da Igreja, na medida em que os alunos são direcionados para uma vida familiar *cristã*. Por isso, o trabalho de aula e de educação nas escolas teuto-brasileiras-evangélicas deve procurar ser padronizado e planejado, divulgando uma visão de mundo supostamente específica e uniforme, a qual, na perspectiva dos defensores da germanidade, especialmente da Igreja luterana, seria impossível nas escolas nacionais.

“Felizmente a maioria dos pais sabe que nenhuma criança pode ser educada corretamente sem religião. (...) Eles mantêm escolas do próprio bolso.”(Jornal Deutsche Post, 12/3/1906: 1)

“Onde as crianças serão educadas dentro dessa mentalidade e desse espírito? Naturalmente em primeiro lugar na casa paterna. (...) E se a criança freqüentar uma escola, na qual lhe são ensinadas convicções religiosas completamente diferentes daquelas que existem na comunidade em que a criança deverá atuar mais tarde, nós prejudicaremos nossa Igreja, esse chão firme sobre o qual se sustenta toda a nossa cultura alemã. (...)”(Jornal Deutsche Post, 14/01/1914: 1)

Após a fundação do Seminário Evangélico de Formação de Professores, começa a se delinear uma concepção de educação fundamentada em princípios pedagógicos mais definidos, a partir dos quais se esboça o perfil do professor e a formação que ele deve receber para que desempenhe bem as funções a ele atribuídas, quais sejam, devolver ao grupo étnico *cidadãos brasileiros* que se destaquem a partir da conservação da *germanidade teuto-brasileira*. O professor é referido quase sempre no masculino, deve dominar tanto a língua alemã quanto a portuguesa e ser evangélico. O que vai direcioná-lo para esse caminho é uma formação adequada em seminário. Assim, ele estará apto para atuar nas escolas alemãs

das comunidades coloniais de imigração. Ele desempenhará melhor sua função se conhecer a realidade das áreas rurais de colonização alemã, melhor ainda se for proveniente delas. De acordo com o jornal, é importante que ele provenha dessa realidade, para melhor poder compreender as necessidades, a vida e o caráter teuto-brasileiro das comunidades rurais, moldado a partir de preceitos evangélicos. Ele deve ser um líder em sua comunidade e assumir muitas outras funções sociais, além de dar aula. Ele dirige o coral nas festas e muitas vezes substitui o Pastor.

“A escola é um dos fatores culturais mais importantes e ela pode desempenhar melhor sua função, se andar de mãos dadas com a Igreja evangélica. Para melhor poder satisfazer essas funções, a formação de professores qualificados é especialmente necessária e isso se conseguiria com a fundação de um seminário de professores. (...)” (Jornal Deutsche Post, 01/05/1908: 2)
 “O que nós exigiremos dos professores formados aqui? Não se trata de professores para as cidades, mas para as picadas e as colônias. Eles deveriam ter um coração voltado para a vida e o caráter alemães, assim como para o Evangelho, ter caráter firme e ser formados não apenas nas ciências elementares, mas também nas questões de agricultura.” (Jornal Deutsche Post, 07/05/1909: 1)

A necessidade de devolver às colônias professores que saibam agricultura parece ser, de acordo com a questão proposta, outra possível justificativa para o fato de, por muito tempo, apenas terem sido aceitos rapazes no Seminário e solicitados homens para serem professores. A prática da agricultura exige uma força física, o que supostamente as moças/mulheres não têm (o que não deixa de ser um paradoxo, uma vez que se esperava que a colona dividisse ombro a ombro o trabalho da colônia com o seu marido). Além disso, como já referimos acima, esses professores deviam ser formados para serem líderes em suas comunidades porque, de acordo com vários autores lidos (Sarlet, 1993; Seyferth, 1976; Dreher, 1984; Renaux, 1995; Thieme, 1910) e de artigos publicados pelo próprio jornal, além de desempenharem a função de educadores para uma cultura específica, eles também deveriam assumir a regência dos corais nas sociedades de canto e ter condições de substituir o Pastor da comunidade, na sua falta, o que requisita um “caráter firme”. As mulheres, apresentadas como sendo, por um lado o esteio do lar, mas ao mesmo tempo como sendo mais frágeis, não tinham “caráter” para se “impor” como líderes comunitárias.

A leitura do jornal “Deutsche Post” no período delimitado, permite indicar algumas respostas para as questões propostas, podendo-se muitas vezes confirmar explicitamente a nossa hipótese inicial de que as concepções

de professor produzidas e veiculadas por ele, no âmbito da cultura teuto-brasileiro-evangélica, se delineiam e se constituem a partir de referências de masculinidade.

“No entanto, deve-se cuidar para que somente homens que são capazes de educar a juventude sejam contratados para serem professores.(...)”(Jornal Deutsche Post, 09/10/1912: 1)

As implicações acima discutidas, no entanto, não são únicas e nem esgotadas, uma vez que, no mesmo artigo (22/10/1909) já mencionado anteriormente, em que o jornal discutia a inviabilidade de uma moça abraçar uma profissão, pode-se apreender também o fato de que, quando se começa a discutir isso, já se está plantando a idéia de que a mulher possa ser incorporada na profissão docente, sob certas condições, o que vai se concretizar em 1926, ano em que, segundo Hoppen (s/d: 40), “reconheceu-se que, entre as moças evangélicas, havia grande potencial de elementos humanos para colaborarem no campo da educação das escolas evangélicas”, passando-se a matricular meninas no Seminário Evangélico de Formação de Professores. Se não para exercer a profissão, pelo menos para qualificar o exercício da maternidade.

“Se a profissão for pelo menos a de professora, a mãe pode aplicar sua pedagogia nas próprias crianças, mas se, por exemplo, uma telefonista que não sabe nada de tarefas domésticas casar, que doméstica ela será?” (Jornal “Deutsche Post”, 22/10/1909: 1)

Referências Bibliográficas

- FÉLIX, Loiva Otero. Religião e Política: os teuto-brasileiros e o PPR. IN: *Os alemães no sul do Brasil*: MAUSCH, Claudia & VASCONCELLOS, Naira (org.) Canoas: Ed. Ulbra, 1994
- HOPPEN, Arnildo. Formação de Professores Evangélicos no Rio Grande do Sul - (1909 - 1939). São Leopoldo: Gráfica Sinodal, s/d.
- Jornal Deutsche Post, vários exemplares.
- JUNGBLUT, Airton Luiz. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. IN: MAUCH, Claudia & VASCONCELLOS, N. (orgs) *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica. IN: *Os alemães do Sul do Brasil*: MAUSCH, Claudia & VASCONCELLOS, Naira (org.) Canoas: ed. Ulbra, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. Educação e Gênero: a escola e a produção do feminino e do masculino. IN: SILVA, Luiz Heron & AZEVEDO, José Clóvis de(orgs). *Reestruturação Curricular*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MAGALHÃES, Marionilde D. B. de. O Imigrante Alemão no Discurso Literário e a Questão da Integração Nacional. IN: *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, n. 14, agosto de 1993.
- MEYER, Dagmar. *Formando professores e professoras teuto-brasileiro- evangélicos/as no RS, 1909/1939*. Porto Alegre: FAGED, 1997 (Proposta de tese de doutorado)
- ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul - II*. Porto Alegre: Ed. Globo (Coleção Província), 1969. P. 658 - 670
- ROTERMUND, Guilherme F. Pastor Dr. Wilhelm Rotermund: Aspectos do homem e de sua vida. IN: *Simpósio da História da Igreja*. São Leopoldo. Ed. Rotermund, 1986. P. 101-121
- SARLET, Erica D. *Ainda hoje plantaria minha macieira*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1993.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração Alemã e Colonização no Brasil: uma revisão da bibliografia. IN: *BIB*, Rio de Janeiro, 1º sem. de 1988, n. 25. P. 3 - 55
- _____. Nacionalismo e Identidade Étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. São Paulo: USP, 1976. (Tese de Doutorado)

- STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?
IN: *Estudos Afro-asiáticos*, n. 20, Rio de Janeiro, junho de 1991. P. 101 - 119.
- TELLES, Leandro. D. Dr. Wilhelm Rotermund. IN: *Boletim da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul*, vol. 1, n.1 - 1974.